

A escuta psicanalítica

Silvia Leonor Alonso

No alicerce de toda palavra, é a pulsão que insiste. Seguindo de perto as repetições, pode-se rastrear as pegadas das identificações.

A escuta adquire um lugar central na psicanálise por ser esta uma coisa de palavras, ditas ou silenciadas. Palavras que enganam, mas que abrem um acesso à significação.

No entanto, a psicanálise, ao inaugurar o campo da escuta, produz uma verdadeira ruptura epistemológica concernente ao pensamento psiquiátrico do momento. Citando Saurí em seu texto compilatório sobre a histeria: “A trama das crenças no naturalismo, contexto no qual a histeria começa a ser estudada cientificamente, privilegia o modo visual de conhecer. A metáfora da luz domina sua área expressiva e inquisitiva, enquanto a necessidade de ver e iluminar guia o esforço dos cientistas. O visto, e com maior razão o olhado, goza de uma prerrogativa relevante. Não é pois temerário afirmar que durante a vigência do naturalismo

predomina epistemologicamente, o campo visual e que a intenção explícita ou tácita de seus seguidores é conhecer olhando. Neste contexto, o privilegiado são as características visíveis daquilo a conhecer, pelo que os traços ostensivos passam a primeiro plano”.⁽¹⁾

O espaço e a figura; a figura olhada sobre um espaço.

O império da objetividade positivista que recolhe e anota todos os dados que aparecem perante o olhar. E o que melhor que a histeria para ser olhada, já que esta se mostra com toda espetacularidade?

Mas, próximo à década de noventa, chegando ao fim

Silvia Leonor Alonso — psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

(*) Comunicação apresentada no painel sobre “A escuta psicanalítica”, promovido pela Livraria Pulsional, em abril de 1988.

do século, no interior da Escola de Nancy, o relato começa a ocupar um lugar. A narrativa de um sujeito, após ser hipnotizado, começa a interessar. Com isto, a categoria da recordação se torna presente.

Citando mais uma vez Saurí: “escutar refere imediatamente a fala e sua raiz latina vincula “o escutado” ao ato de ouvir e de “montar guarda”; situação em que o escuta, cumprindo ofício de sentinela, vigia os sons provenientes de um campo diferente do seu próprio.”⁽²⁾

“O escuta” escuta os ruídos que vêm de fora e também o silêncio que se incorpora ao campo da positividade. Se o silêncio não diz diretamente nada, algo nele se insinua, e quem escuta atentamente recebe as pegadas, as marcas que adquirem forma no momento em que germinam as palavras, ainda que estas, também enganadoras, portem em si o silenciado. É desde então que o exercício da suspeita se torna presente porque há um a mais do que o dito para ser escutado.

A hipnose vai sendo substituída pela livre associação. A figura vai dando lugar à narrativa. Freud pede às históricas que se deitem, fechem os olhos, e com isso, às vezes auxiliada pela pressão frontal, as recordações surgem.

Em todas as direções o campo se estende. Isto não só porque não permanece — tal como o campo do olhar — reduzido ao dado, mas, ao contrário, é no mais lacunar do discurso que um fio de significação vai se tecendo. Mas também porque aparecerá a recordação e, com isso, a história solicita ser levada em conta.

O que escuta o analista?

Não pensamos a linguagem como um instrumento de comunicação. Também o é. Alguém se propõe a comunicar algo e para isso se vale da linguagem. Porém, até aqui, a descoberta freudiana não está presente.

Ao introduzir o conceito de inconsciente, Freud coloca a fala em outro lugar, alguém que fala e ao fazê-lo diz mais do que aquilo que

a atenção flutuante — se produz um desfraldar da palavra. No seio da associação livre vai-se produzindo um descolamento da imagem,

Ao introduzir o conceito de inconsciente, Freud coloca a fala em outro lugar. Alguém que fala diz mais do que aquilo a que se propunha. Neste falar em certos momentos, a lógica consciente se rompe.

se propunha. Neste falar, em certos momentos, a lógica consciente se rompe, se desvanece e algo diferente se torna presente, manifestando uma outra lógica. A lógica do processo primário, presente no lapso, no sonho, no chiste, no esquecimento, na frase contraditória, no duplo sentido de uma frase que Freud manda Dora escutar quando lhe diz: “Memorize você bem suas próprias palavras. Talvez tenhamos que voltar a elas. Você falou, textualmente, que durante a noite algo pode acontecer que obrigue alguém a sair do quarto”⁽³⁾

Quando Freud estuda o sentido dos sonhos, a psicopatologia da vida cotidiana, inclui no espaço do sentido aquilo que até este momento era considerado um sem sentido, mostrando assim a positividade do esquecimento, da falta, do equívoco.

Quando fala de Catarina diz que a linguagem é demasiadamente pobre para dar expressão às suas sensações e aponta com isto a ampliação do campo do discurso como o caminho do analítico.

Na instauração da situação analítica, ao propor a regra fundamental — a livre-associação e o seu reverso,

do fato como fixo, e este vai-se incluindo em múltiplas imagens caleidoscópicas cujas combinações possíveis se multiplicam e onde o ritmo, a cadência, a intensidade maior de alguns fonemas, a excitação explícita no gaguejar de uma palavra, o sentido duvidoso de uma frase mal construída, tudo isso vai dando tonalidades diferentes a estas figuras que não passam despercebidas à escuta sutil da atenção flutuante. Ao mesmo tempo, ao ser escutado pelo analista, o próprio sujeito que fala se escuta.

Como vemos, a imagem retorna. Porém, não é a imagem dada na figura do corpo histerico. É a imagem que surge da desconstrução do discurso e que adquire sua maior nitidez no momento da interpretação.

No alicerce de toda palavra, é a pulsão que insiste. Aquela que não fala mas que é evocada pela palavra e que, levada pela compulsão à repetição, procura satisfazer-se. É seguindo de perto as repetições que acompanhamos as vicissitudes da pulsão e rastreamos as pegadas das identificações.

Diria então que, do lugar do analista, se escuta tudo, para poder es-

cutar alguma coisa. Coisa essa que é o inconsciente, que no seio da repetição insiste para ser escutado, que na trama dos movimentos imaginá-

o que acontece com o outro e lhe comunica. É a noção de transferência que vem romper com esta possibilidade de objetivação.

A teoria, o fantasma, a história do analista, assim como a história e o presente do movimento psicanalítico podem oferecer possibilidades em relação à escuta, mas também podem limitá-la.

rios se disfarça, se fantasia e, no entanto, vai tecendo o fantasma.

De que lugar o analista escuta?

Quem se dispõe a escutar se dispõe para com o inesperado e é isto o que acontece quando no seio do processo de "relatar" o amor irrompe e tal irrupção surpreende. Surpreende a Breuer que assustado cai fora da cena. Também a Freud que decide enfrentar os demônios, além de surpreender a cada analista quando este se deixa surpreender e não faz da constante tradução (interpretação analógica) uma tentativa de enjaular a fera. O próprio Freud diz que é na forma surpreendente com a qual irrompe, que está a força probatória do fenômeno da transferência.

O conceito de inconsciente não necessariamente quebra a idéia de exterioridade presente no olhar psiquiátrico. Se o inconsciente é entendido como algo que está no sujeito, a nível de depósito ou de panela de instintos, alguém de fora poderia observar isso que se encontra no sujeito e a sessão analítica poderia converter-se em um espaço experimental onde alguém observa

Sendo o campo da transferência algo que inclui ao mesmo tempo analisando e analista, tal montagem não permite mais objetividade.

É evidente que, ainda que os dois estejam incluídos no mesmo campo, isso não implica em uma simetria ou em uma igualdade de funções.

O analisando se dirige ao analista como sendo o único destinatário de sua palavra, o que não é mais que a tentativa que o analisando faz de articular seu desejo a uma presença concreta. De atribuir ao desejo um objeto para não reconhecer que o desejo, em sua impossibilidade de satisfazer-se, implica em uma falta, em uma ausência.

O analista, mantém a transferência mas não se confunde com ela, e mediante a não resposta, remete o sujeito aos fundamentos infantis do amor.

A abstinência do analista permite, no dizer de Freud, subsistir no analisando a necessidade e o desejo como forças que impulsionam o trabalho analítico e que, ao evitar querer apaziguar as exigências de tais forças com substitutos, remete o sujeito a suas origens inconscientes.⁽⁴⁾

No entanto, isto só é possível através de uma renúncia narcísica do analista, que lhe permite: não ocupar o lugar de amo do desejo convertendo a análise em sugestão; não se oferecer como ideal a ser imitado convertendo a análise em pedagogia; ou acreditar em uma neutralidade absoluta, desconhecendo os obstáculos da escuta que, rapidamente, se encarrega de atribuir ao analisando como se fossem resistências suas convertendo a análise em uma grande batalha contra estas.

Conrad Stein em "L'enfant imaginaire" diz: "As sessões do paciente têm mais possibilidades de converterem-se na sua psicanálise, se são para o seu analista, o lugar privilegiado de continuação da sua"⁽⁵⁾.

Quando Freud trata da transferência recíproca em "O futuro da terapia psicanalítica", a coloca como um sintoma do analista, algo que é despertado pelo discurso do paciente e que toca os pontos cegos do analista, expressando-se neste como transferência recíproca. É devido a isto que se deduz a necessidade da análise pessoal do analista.

Ainda que a análise pessoal seja condição primordial para tornar-se analista, tal fato não garante uma escuta. Cada novo processo de cura o confronta com a necessidade de percorrer as cadeias associativas aproximando-se de seu próprio desejo. Reencontra assim a possibilidade de ocupar o lugar daquele que põe em andamento o processo de desvelamento do desejo do analisando. Este considera o analista como aquele a quem dirige o sintoma (neurose de transferência), mas que, perante a não resposta, resignifica, a cada momento, sua demanda, até a finalização da análise.

Algum tempo atrás, um analisando, no seu fim de análise, refletia: "Há alguns anos, quando cheguei aqui, sabia que sofria, porém, só agora sei porque vim. Deve ser o único investimento em que só se sabe porque se veio quando se vai".

Bela reflexão sobre a questão do

tempo em análise, que é o tempo da resignificação. Como acreditar que, na primeira frase de uma sessão, está dito tudo que será posteriormente explicitado? Entendo que o sentido não é algo já dado e que precisa ser descoberto, mas sim algo que se tece na rede de significantes e no tempo da resignificação.

Penso que reconhecer que a possibilidade de escuta está no próprio desejo do analista, recuperado a cada momento pelo trânsito das associações que lhe permitem reconhecer seu desejo pessoal em jogo para poder a ele renunciar, levando-o a não ter a necessidade de querer assegurar seu lugar — nem pela rigidez do setting, nem pela rigidez do gesto.

Freud dizia em uma carta a Biswanger: “O que se dá ao paciente não deve ser jamais afeto imediato mas afeto conscientemente outorgado segundo as necessidades do momento... Dar pouco a alguém porque o amamos muito é uma injustiça contra o paciente e uma falta técnica”⁽⁶⁾.

Os limites da escuta

Afirmar no começo que a abertura do campo da escuta traz à tona a história. De que história se trata? Óbvio que não a história factual mas a história da constituição do fantasma. Fantasma este que vai surgindo na análise como efeito de deciframento a partir do sintoma. No entanto, não se pode dizer que a causa do sintoma esteja no passado. “A causa do sintoma está no presente, na inscrição presente do vivido e que na análise atua como transferência”⁽⁷⁾.

Mas, a construção do fantasma não é senão uma teoria que, tal como um mito, tende a responder aos enigmas que o sujeito se coloca. É isto, pelo menos, que Freud mostra no caso do Pequeno Hans ou no artigo sobre as teorias sexuais infantis.

Acontece que tudo isto se com-

plica porque o analista também tem seu fantasma, sua teoria, sua história, assim como a história e o presente do movimento psicanalítico.

em troca de esvaziar sua palavra e alienar-se nos processos especulares de reconhecimento mútuo.

Há um limite insuperável para a

O analisando se dirige ao analista como sendo o único destinatário de sua palavra, o que não é mais do que a tentativa de articular seu desejo a uma presença concreta.

co. Tudo isto pode oferecer possibilidades ao analista com relação à sua escuta mas também pode limitá-la.

Seu fantasma se torna limite para a escuta nos pontos cegos. A teoria passa a ser limitadora da escuta quando entra na sessão para ser aplicada ou confirmada, obstaculizando com isso as possibilidades do analisando de construir a única teoria válida para si próprio, que é a teoria que constrói sobre sua história.

A presença de vários corpos teórico-clínicos, no movimento psicanalítico atual, também pode produzir uma ampliação no campo da escuta, não pelo ecletismo que é confusional, mas através de um trabalho sério de situar as teorias no momento histórico em que surgem e as questões que se propõem responder (nenhum corpo teórico responde a todas as questões colocadas pela complexidade da clínica), bem como pelo trabalho de cruzamento de conceitos para esclarecer cada vez mais suas proximidades, suas diferenças, suas semelhanças e oposições.

Isto não é o que acontece quando as adesões dogmáticas convertem os discursos teóricos em espécie de senha com a qual cada analista garante seu reconhecimento pelo grupo,

análise: o limite da morte. Aqui cito Godino num artigo sobre a prática: “A morte é o momento em que cessa a eficácia do presente enquanto causal, onde tudo é puro passado, puro trauma e puro acontecimento factual, brutal, catastrófico e insolúvel. Para os vivos, pelo contrário, o fato se resolve em uma estrutura cuja história é a própria realidade dos vivos em sua inscrição presente.”⁽⁸⁾

Pergunto-me: como historicizar as teorias e os acontecimentos (pertinências institucionais) para que nos sirvam no processo constante de resignificação da clínica sem deixar que nos convertamos em *mortos-vivos* dos estereótipos e dogmatismos?⁽²⁾ ■

1 — Jorge Saurí (Compilador), *Las histerias*. Ediciones Nueva Visión Pág. 67.

2 — *Ob. cit.* Pág. 197.

3 — Sigmund Freud. *Obras Completas*. Análisis fragmentário de una histeria. Biblioteca Nueva. Tomo I Pág. 958.

4 — Sigmund Freud. *Obras Completas*. Observaciones Sobre el amor de transferencia. 1914. Biblioteca Nueva. Tomo II. Pág. 1692.

5 — C. Stein. “*L'enfant imaginaire*”. Denoel 1971. Pág. 364.

6 — L. Biswanger, *Discours., Parscours*, de Freud. Pág. 317. Carta de Freud de 20 de fevereiro de 1913.

7 — Antonio Godino Cabas, “*Sobre la práctica*”. Artigo publicado na Revista de Psicología Argentina nº 24 — Ano IX. Pág. 29.

8 — *Ob. cit.* Pág. 29.